
Primeiro Plano

Ariverson Feltrin

Siderurgia debate rumos

O 2º Encontro Nacional da Siderurgia, hoje e amanhã no Hotel Transamérica, em São Paulo, tem como tema candente o debate do novo cenário da indústria do aço mundial, as alternativas empresariais para o setor, além dos impactos da crise mundial e os desafios da atividade no País.

O primeiro dia do evento serve para que o representante das siderúrgicas brasileiras, o IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia), anuncie seu novo nome e marca. "A mudança ocorre em sintonia com a necessidade de ressaltar a importância do aço no dia a dia das pessoas e no desenvolvimento do País, assim como o papel da indústria produtora de aço em prol da sustentabilidade", informa comunicado da assessoria do encontro.

O Brasil foi ano passado o nono produtor de aço no ranking mundial, com 33,7 milhões de toneladas. Após desligar quase metade de seus grandes altos-fornos, a siderurgia brasileira dá alguns sinais de recuperação com a retomada de algumas de suas usinas. Em junho, por exemplo, o setor trabalhou com 51% da capacidade instalada - nível considerado distante do ideal, situado acima de 80%.

O parque siderúrgico brasileiro tem 26 usinas operadas por oito conglomerados empresariais, que são: ArcelorMittal Brasil; Grupo Gerdau; CSN; Grupo Usiminas; Sinobras; V&M do Brasil; Villares Metals e Votorantim Siderurgia.

A CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), de Volta Redonda (RJ), criada por Getúlio Vargas, é considerada marco no desenvolvimento industrial do País, notadamente por permitir a partida ao setor automotivo nacional, que fincou raízes na região.

Por falar em Getúlio, hoje faz 55 anos que o ex-presidente pôs fim à vida, em 1954, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.